

Cleide Luciane Antoniutti
José Jullian Souza
Wesley Idelfoncio de Vasconcelos

Universidade Federal do Parana / Universidade Federal do Cariri
Brasil

Fake news and Covid-19: the spread of disinformation on Facebook in the first quarter of 2020

This study analyzes the processes of disinformation and the spread of fake news related to Covid-19, through the posts found on the social network Facebook. As a general objective, we seek to discuss the literature in the area and draw a conceptual delimitation and the typologies of fake news, in conjunction with Wardle's classification (2017). The research methodology starts from a quantitative approach, exploratory-descriptive research and the data used collected from March to June 2020 and, for the analysis, four representative posts selected. Thus, we identified that there was a significant increase in the number of news checks on Covid-19, which also means that there was an increase in the number of fake news circulating. In this sense, it is necessary to double the attention when receiving information on social networks that do not present the official source and make a critical reading before sharing any content.

Keywords

Fake news, Facebook, Covid-19

Fake news e Covid-19: a disseminação da desinformação no Facebook no primeiro quadrimestre de 2020

O presente estudo realiza uma análise sobre os processos de desinformação e a disseminação de fake news em tempos da Covid-19, mediante as postagens encontradas na rede social Facebook. Como objetivo geral, buscamos discutir sobre a literatura na área e traçar uma delimitação conceitual e as tipologias das *fake news*, em conjunto com a classificação de Wardle (2017). A metodologia de pesquisa parte de uma abordagem quanti-qualitativa, pesquisa exploratória-descritiva e os dados utilizados foram coletados a partir dos meses de março a junho de 2020 e, para a realização da análise foram selecionados quatro posts representativos. Assim, identificamos que houve um crescimento significativo do número de checagens das notícias sobre a Covid-19, o que também significa que houve um aumento do número de notícias falsas circulando. Neste sentido, é preciso redobrar a atenção ao receber informações nas redes sociais que não apresentem a fonte oficial e fazer uma leitura crítica antes de compartilhar qualquer conteúdo.

Palavras-chave

Fake news, Facebook, Covid-19

Introdução

A temática tratada neste artigo vem mobilizando estudiosos e pesquisadores de várias áreas do conhecimento, principalmente do campo da Comunicação e, em especial do Jornalismo. Desde que a Covid-19 chegou em nossa rotina em novembro de 2019, na China, e em março de 2020, no Brasil, o tema passou a ocupar espaços nas coberturas dos veículos de comunicação. No entanto, temas relacionados a pandemia se disseminaram pelos diversos espaços da internet, principalmente nas redes sociais na forma de fakes news. Assim, do ponto de vista crítico, a internet como um espaço de proliferação de mentiras e notícias falsas tem contribuído para a desinformação e a disseminação da população brasileira, causando diversos efeitos colaterais.

Na relação com esse cenário de expansão das notícias falsas, vivemos atualmente um cenário de aceleração tecnológica com o surgimento de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que ampliaram exponencialmente a oferta de informação e entretenimento por meio de novos canais e suportes digitais. Dos papéis à web 2.0 a humanidade tem vivido uma constante e exponencial produção e disseminação informacional, fazendo com que a informação disponível nos meios digitais passe a ser visualizada frente a combinação das possibilidades interativas, hipertextuais, colaborativas e sociais passando a levar a informação as pessoas mais rapidamente e em maior quantidade.

Assim como a mercantilização e a vulgarização da informação se fizeram presentes após a imprensa, agora defronta-se uma nova “crise do conhecimento”, advinda desta explosão informacional agravada pelo surgimento da internet (Burke, 2003). Não apenas tem-se uma quantidade de informação extrema, cujos processadores e máquinas atuais com processadores e armazenamentos potentes possuem dificuldade em processar a todos (deixando-se para trás a capacidade do cérebro humano), como também sua qualidade é parca e pouco auxilia na prosperidade e desenvolvimento intelectual ou cultural humano.

Nesta perspectiva, as fakes news não teriam o potencial de disseminação se não houvessem as convergências midiáticas tecnológicas e de suportes, em torno de fluxos de conteúdos e produtos de comunicação no âmbito digital. Com isso, a internet é vista como facilitadora no processo de “fabricação” de notícias falsas, levando a uma condição avassaladora e preocupante, que merece a todo tempo ser estudada e problematizada. Por ser um lugar de construção de materialidade, visibilidade e interatividade, a internet é capaz de mobilizar diversos atores nesse processo se colocando como um território livre e autônomo, uma vez que ela é cada vez mais controlada pelos governos e por empresas multibilionárias do setor de tecnologia.

Diante deste contexto, a sociedade e o campo da Comunicação e do Jornalismo se veem à frente de uma problemática a ser enfrentada nos tempos em que as fake news têm superado o bom e velho jornalismo diário, colocando como um desafio também para os profissionais da notícia de voltar a atenção da sociedade para o consumo de notícias veiculadas em portais e sites confiáveis. Em conjunto com a comunicação digital, as redes sociais a exemplo do Facebook também facilitam a fabricação e o espalhamento das fake news na internet.

Assim, nosso objetivo geral neste trabalho está em apresentar a literatura que busca traçar a delimitação conceitual e

as características das *fake news*. Além disso, como objetivos específicos buscamos (i) problematizar o cenário atual com a avalanche de conteúdos falsos que estão distribuídos em vários ambientes da internet e (ii) apresentar o mapeamento de notícias falsas sobre a Covid-19, que circularam nas redes sociais digitais, especialmente no Facebook.

Metodologia de Pesquisa

O presente trabalho adotou como abordagem a quali-quantitativa, pois será possível tanto demonstrar a presença e o crescimento das fake news durante os primeiros quatro meses da presença do novo coronavírus no Brasil, abarcando um levantamento de dados durante os meses de março a junho de 2020. Esse tipo de abordagem, conforme Minayo e Sanches (1993), possibilita visualizarmos as dinâmicas entre quantitativo e qualitativo, objetividade e subjetividade, mas não como caminhos opostos e, sim, como percursos que se complementam e revelam um campo de análise a ser explorado com maior detalhamento.

Como estratégia de pesquisa utilizaremos a pesquisa exploratória-descritiva, que de acordo com Gil (2009), possibilita uma aproximação com o tema e o objeto de estudo, bem como a descoberta de novas proposições. Já a pesquisa de natureza descritiva tem como seu objetivo a descrição sistemática de determinado fenômeno ou área do saber, a qual se deseja investigar, de modo objetivo e detalhado (Richardson, 2011).

A coleta de dados deu-se em conjunto com as informações disponibilizadas pela Agência Lupa, que funciona como um serviço de checagem das fake news. Essa coleta ocorrerá sobre as notícias falsas que circularam na rede social Facebook, tendo como recorte temporal o período compreendido entre os meses de março e junho de 2020 no Brasil. Esse recorte possibilita identificar tanto quantitativa como qualitativamente a circulação de fake news sobre a temática da Covid-19.

Dessa forma, selecionamos uma notícia de maior repercussão de cada mês, tendo um total de 4 postagens, que circularam no Facebook para que fossem analisados do ponto de vista do seu conteúdo e repercussão. A partir da classificação do tipo de fake news idealizado pela Agência Lupa, classificamos os dados coletados apresentando numericamente e em seguida fazendo uma análise mediante a classificação de fake news baseada em Wardle (2017). De acordo com o autor as fake news podem possuir 7 tipos diferentes de classificação: 1) sátira ou paródia; 2) conteúdo enganoso; 3) conteúdo impostor; 4) conteúdo fabricado; 5) falsa conexão; 6) conteúdo falso e 7) conteúdo manipulado.

A contextualização das fakes news

O que mais ouvimos falar nos últimos tempos foi na palavra fake ou fake news. Há três anos a palavra fake news vem ganhando notoriedade. Em 2017, ela foi nomeada a palavra do ano pelo dicionário em inglês da editora britânica Collins. Fake news, “notícias falsas” foi um termo amplamente usado por Donald Trump quando estava em campanha para presidente dos EUA, em geral para se referir a notícias negativas sobre ele, mas parece que o mundo inteiro passou a usar o termo. No mesmo ano, as menções a “fake news” aumentaram 365%.

O fenômeno das fake news despertou tanto interesse que até um documentário foi feito em 2018. No documentário “Fake News: Baseado em fatos reais”, produzido pela Globo News, André Fran, Rodrigo Cebrian e Felipe Ufo visitam países atrás de informações sobre o que é Fake News. Chegam até Veles, uma pequena cidade da Macedônia, conhecida como a capital da Fake News, onde um grupo de pessoas criava notícias falsas em prol de Trump e soltava os links em um grande grupo do Facebook para conseguir muitos acessos nos sites e conseqüentemente muito dinheiro através do Google AdSense.

Na língua inglesa, fake é ao mesmo tempo adjetivo, substantivo e verbo. De acordo com dicionário Oxford, como adjetivo a palavra denota algo que não é genuíno, uma imitação ou uma falsidade. Como substantivo, é o nome que se dá a coisas e pessoas que não são genuínas, ou seja, que são uma fraude ou um embuste. Como verbo, é a ação de falsificar ou fingir algo com a intenção de forjar uma verdade.

Ao problematizar a palavra, Freitas Filho (2020) diante de situações que despertam a atenção da opinião pública, a hegemonia do fake se apresenta de forma mais evidente. Para o autor, desde 2019, estamos sendo impactados por crises ambientais e humanitárias que foram amplamente divulgadas pela grande mídia, como o rompimento de uma barragem em Brumadinho, as queimadas na Floresta Amazônica e a epidemia do Coronavírus na China (Freitas Filho, 2020, p. 39). Para o autor fake é um grande problema a ser enfrentado e sem perspectivas de controle.

O fake é o começo do fim. É o plástico boiando na superfície de um oceano profundo de verdades inventadas. É a floresta devastada pelo fogo cuja fumaça se vê de longe e muitos fingem não enxergar. Portanto, o mundo das verdades inventadas é o mundo da negação. Onde se nega o racismo, a homofobia, a misoginia e a xenofobia para esvaziar o debate sobre os direitos humanos. Recentemente, o fake nos mostrou que o brasileiro cordial é uma verdade inventada (Freitas Filho, 2020, p. 39).

Diante da citação do autor é possível nos questionarmos: Por que as pessoas acreditam tanto em mentiras, boatos, falsas verdades do que em informações comprovadas? Kakutani (2018) tenta explicar este fenômeno:

Várias teorias foram desenvolvidas para explicar por que as pessoas aceitam rapidamente informações que sustentem suas crenças e rejeitam aquelas que as contestam. Simples. As primeiras impressões são difíceis de serem descartadas, porque há um instinto primitivo de defender o próprio território, porque as pessoas tendem a produzir respostas emocionais em vez de intelectuais ao serem questionadas e são avessas a examinar cuidadosamente as evidências (Kakutani 2018: 141).

Ou seja, o fenômeno das notícias falsas está relacionado com as crenças e percepções de cada sujeito ou grupos sociais. Cada um, a partir da sua vivência, do seu conhecimento e das influências a que estão submetidos terão percepções diferentes acerca dos boatos e fake news. Além disso, é preciso entender que também há a questão da falta de checagem dessas informações e o espalhamento dessas notícias pelas redes sociais de forma massiva.

A desinformação e ações de combate sobre a pandemia

Após o surto inicial da doença do novo coronavírus em 2020 (a Covid-19), muitas teorias de conspiração, informações falsas e desinformações inundaram a internet, principalmente as redes sociais, especulando e espetacularizando a origem, escala de infectados, prevenção, tratamento e vários outros aspectos relacionados a doença. Com isso, as áreas da ciência e da saúde nunca foram tão exploradas em fakes news como no presente momento.

Cabe lembrar aqui os apontamentos de Pollyana Ferrari (2020)¹ sobre o momento em que estamos vivendo. Para a autora, a pandemia (termo tecnicamente adotado pela Organização Mundial da Saúde) é também um fenômeno midiático, reforçado pelas narrativas produzidas por avalanches de informações e de fake news. Há disputas sobre sua origem, os perigos da doença, as formas de tratamento, há comparações com outras epidemias. De acordo com Colucci (2020, sem página), “[...] mais rápida do que a disseminação do coronavírus pelo mundo está a propagação de notícias falsas e de teorias da conspiração sobre a epidemia, que chegaram muito antes no Brasil do que o próprio vírus”. Segundo a Agência Lupa², o Brasil é o recordista mundial em conteúdos de desinformação, passando a frente dos Estados Unidos que ficou com a segunda posição do painel de monitoramento da Universidade Johns Hopkins. Outro estudo feito pela Avaaz³ apontou que no Brasil 7 em cada 10 pessoas levaram a sério pelo menos um conteúdo falso a respeito da Covid-19. A Avaaz realizou uma pesquisa online entre os dias 9 e 15 de abril, em que foram entrevistadas 2.001 pessoas no Brasil; 2.002 na Itália e 2.000 nos Estados Unidos com participantes entre 18 e 65 anos. A pesquisa mostra que 94% (com margem de erro de 2,2%) dos entrevistados brasileiros tiveram acesso a pelo menos uma informação falsa sobre o coronavírus. Na Itália e Estados Unidos, esses números foram de 95% e 83% respectivamente. Além disso, identificou-se que o WhatsApp e Facebook estão entre os principais meios de disseminação de fake news, ou seja, a disseminação ocorre sobretudo por meio das redes sociais.

Outro estudo feito pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) com conteúdos captados entre 17 de março e 10 de abril, revelou que 65% das fake news envolviam curas caseiras milagrosas (e não comprovadas pela ciência) para a Covid-19. Pois, desse total de fake news 5,7% estão relacionadas a golpes bancários; 5% tratam de projetos falsos para arrecadar recursos destinados a instituições de pesquisa e 4,3% qualificam a doença como uma manobra política.

Diante do volume e velocidade com que as notícias falsas sobre a doença foram se disseminando entre as redes sociais no Brasil, em 2 de fevereiro de 2020 a OMS se ma-

¹ Entrevista disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/30/pandemia-mostra-que-estava-tudo-errado-diz-pesquisadora-de-midia-digital.htm>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

² Agência de checagem de fatos, dados e declarações da Folha de São Paulo. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em: 20 out. 2020.

³ Uma comunidade de mobilização on-line que dá voz a sociedade civil. Disponível em: <https://secure.avaaz.org/page/po/about/>. Acesso em: 20 out. 2020.

nifestou descrevendo o momento como uma “infodemia maciça”. A organização cita a abundância excessiva de informações relatadas, precisas e falsas, sobre o vírus que dificultava com que as pessoas encontrassem fontes de informações confiáveis. Assim, a OMS incentivou a criação de uma linha direta de funcionamento ininterrupto, na qual as equipes de comunicação e mídia social da organização monitoram e respondem a desinformação por meio de seu site e páginas de mídia social.

No mesmo caminho, as empresas de plataformas digitais como o Facebook, WhatsApp, Twitter e Google afirmaram que estavam trabalhando com a OMS para resolver “desinformação”. Em um post de blog⁴, o Facebook afirmou que removeria o conteúdo sinalizado pelas principais organizações globais de saúde e autoridades locais que violem sua política de conteúdo sobre informações incorretas levando a “danos físicos”. No intuito de contribuir, o Facebook também está dando publicidade gratuita à OMS sinalizando uma importância da empresa no combate as notícias falsas na internet.

Em comunicado conjunto, as plataformas sociais reuniram-se em Washington, capital dos Estados Unidos, para traçar ações conjuntas de prevenção e enfrentamento da desinformação durante e após a pandemia, publicando a seguinte nota:

Estamos trabalhando bem próximos na resposta contra a COVID-19. Estamos ajudando milhões de pessoas a continuarem conectadas, enquanto também combatemos fraude e desinformação sobre o vírus, destacando conteúdos de autoridades em nossas plataformas e compartilhando atualizações críticas em coordenação com agências de saúde governamentais em todo mundo. Convidamos outras companhias a se juntarem a nós, no trabalho de manter comunidades 65 saudáveis e seguras (Facebook, 2020, on-line).

No ano de 2019, o Instagram com vista ao combate à desinformação, lançou uma parceria com agências checadoras de fatos de forma global, inclusive no Brasil, permitindo aos conteúdos suspeitos serem avaliados e classificados dentro da própria rede. Logo quando o conteúdo for considerado falso, após análise por agências de checagem, será sinalizado na publicação de forma que os usuários possam selecionar se desejam ou não ter acesso a tal informação. Tais telas serão replicadas, caso os conteúdos sejam replicados em linhas temporais, perfil, stories ou mensagens pelo *direct*⁵.

A metodologia utilizada para identificação de informes potencialmente falsos é através do aprendizado por má-

quinas (robôs com algoritmos de inteligência artificial) e retorno da comunidade (denúncias através de botões com o dado de informações falsas). Neste ano de 2020, a plataforma (Instagram) adicionou novas práticas para o combate a desinformação e ao covid-19 como: métodos para direcionar a informações seguradas de fontes confiáveis sobre a pandemia, como a OMS e os Ministérios da saúde de cada país; exclusão de conteúdos que julgar prejudicial no combate à pandemia; exclusão de filtros nos stories com sugestões de contaminação ou de exames sobre o vírus, permitindo apenas os realizados em parceria com organizações de saúde reconhecidas; envio de postagens que possam ter informações incorretas para checadores de fatos; bloqueio e restrição de hashtags que sejam usadas para espalhar informação errada; banimento de anúncios que explorem a situação; e destaque de contas de organizações de saúde em alguns termos de busca relacionados à pandemia.

Um dos aspectos relevantes desta plataforma no enfrentamento a desinformação é a rotulação, associação de etiqueta informativa com os motivos pelos quais foi classificada como conteúdo falso ou parcialmente falso, agência verificadora responsável, link para conferência das informações diminuindo o aparecimento de contas que veiculem repetidamente informações checadas e consideradas falsas. Além do combate a desinformação, esta rede também tem se posicionado de maneira a coibir os casos de *bullying* e assédio através de denúncias de comentários, perfis e stories permitindo aos usuários bloquear as contas que não respeitam as Diretrizes da Comunidade, quanto às interações destes podendo ter as contas e perfis excluídos conforme as faltas, denúncias e reincidências nas ações praticadas.

No mesmo caminho, em 2020 o WhatsApp tomou medidas mais enérgicas para enfrentamento da disseminação de desinformação em sua plataforma tais como: encaminhamento de mensagens, vídeos, imagens para apenas cinco contatos ou grupos por vez; indicação do uso do chatbot (não disponível em português) da Aliança Internacional de Checagem de Fatos⁶ para conferência da veracidade das informações. Nesta perspectiva, a plataforma está através de várias frentes no combate à desinformação em suas redes de contatos, porém é necessário também o apoio e conscientização da sociedade civil, governo e usuários.

Diante de tantas notícias falsas, o Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (CONASS) criou um painel próprio que apresenta as estatísticas dos estados brasileiros referentes a doença. Outra iniciativa foi a dos veículos de imprensa que criaram um consórcio para divulgar em conjunto os números das secretarias de saúde. Esse consórcio é formado pela Folha de São Paulo, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo e os portais UOL e G1. Essas iniciativas surgiram após o Ministério da Saúde começar a dificultar a divulgação diária dos números da doença no país⁷.

Assim, vimos que no combate as notícias falsas as técnicas utilizadas por instituições privadas para guiar os usuários na seleção de conteúdo informacional têm sido, além das políticas de conscientização promovidas (indicação de agências de checagem de fatos, vídeos promocionais, esclarecimentos dos termos de privacidade e uso, infográficos etc.), punições e banimentos das plataformas para os usuários que desrespeitarem as normas de conduta. E, em casos extremos, o acionamento da justiça local para responsabilização por danos maiores.

⁴ Retirado da: <https://about.fb.com/br/news/2020/04/coronavirus/>

⁵ Espaço de comunicação interna na rede social Instagram, em que os sujeitos podem trocar mensagens de texto e áudio e enviar publicações dos stories ou mesmo do feed.

⁶ Tradução do termo em inglês: International Fact-checking Network (IFCN).

⁷ O governo brasileiro no dia 5 de junho de 2020, decidiu a começar a sonegar dados sobre as mortes por Covid-19. O Ministério da Saúde deixou de informar o total acumulado de óbitos e de casos confirmados por infecção pela doença desde o início da pandemia. Os números passaram a se restringir apenas ao que foi confirmado nas 24 horas anteriores.

Discussão dos resultados

Para discutir a temática do presente trabalho, escolhemos alguns posts de fakes news que circularam nas redes sociais (Facebook) entre os meses de março a junho de 2020, que contemplaram a temática do Covid-19. E, que ganharam grandes repercussões nas redes sociais. Os formatos escolhidos foram em forma de texto e vídeo.

Os caminhos metodológicos para nos ajudar a classificar as fakes news são referenciadas a partir da explanação de Wardle (2017), ilustrada na Figura 1, que apresenta 7 possíveis classificações:

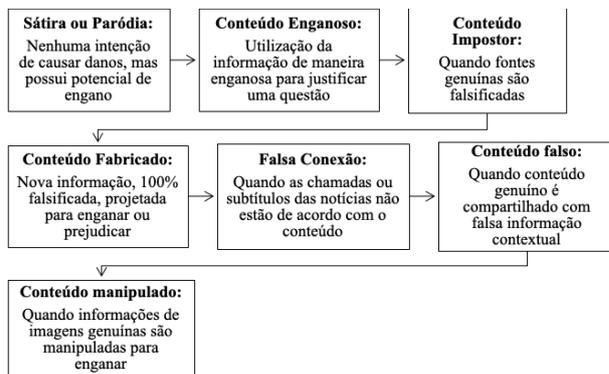


Figura 1— Classificação das fake news

Mediante essa classificação, que serve como base para a análise, coletamos os dados junto a Agência Lupa sobre as checagens realizadas na rede social Facebook. Na Tabela 1, apresentamos os dados conforme podem ser visualizados a seguir:

Meses	Checagens geral	Checagens Covid-19	Total (em %)
Março	89	64	72
Abril	169	140	83
Maior	175	149	85
Junho	181	143	79

Tabela 1 — Relação das checagens sobre as notícias durante pandemia em comparação ao total produzidas pela Lupa no Facebook

Identificamos que no mês de março, quando a OMS declarou a existência de uma pandemia ocasionada pela Covid-19, do total de checagem (89), 64 estavam relacionados com a Covid-19, ou seja, representa mais de 50% dos das informações verificadas. No mês de abril, os dados de checagem de fake news aumentam em comparação ao mês anterior, representando um total de 140 notícias checadas (83%). Assim, percebemos que houve um aumento de 11% de notícias produzidas e checadas no Facebook pela Agência Lupa. Já no mês de maio de 2020, as fake news continuam em crescimento, porém de forma menos significativa em relação aos meses de março e abril. Os dados coletados apresentam que as checagens verificaram um acréscimo de 9 notícias falsas. E, em comparação ao total de checagens do mês (183), 79% não eram notícias verdadeiras. Por fim, no último mês de análise, junho, averiguamos uma redução em comparação ao mês de maio. Das 149 checagens de notícias acerca da Covid-19, em junho foram 143. Porém, a checagem geral apresentou 181, número maior do que o mês anterior.

A análise desses dados é fundamental para que possamos visualizar o andamento do serviço de checagem, o número

de fake news que estão sendo identificadas e como esse trabalho é imprescindível para a sociedade. O combate as fake news, sobretudo nas redes sociais, é uma importante tarefa a ser realizada pela Comunicação e pelas organizações comunicacionais. Pois, é nas redes sociais, a exemplo do Facebook, onde é possível perceber que há um aumento de circulação e proliferação das notícias falsas.

Desse modo, além da pesquisa quantitativa, destacamos a seleção de quatro (4) postagens para uma análise mais aprofundada sobre as fake news que circularam no Facebook, durante este momento de pandemia da Covid-19. A escolha por esses 4 posts deu-se mediante a repercussão, através do número de compartilhamentos. Aqui, será utilizada a classificação proposta por Wardle (2017) como forma de inserir “etiquetas” nos níveis de notícias falsas.

Primeiro Post: Casos e óbitos por covid-19 em SP

O primeiro post falso selecionado (Figura 2) foi checado em 27 de março e trata-se de uma comparação entre a pandemia de covid-19 e a de H1N1 em 2009. O post tem a intenção de fazer uso político da pandemia, em tom que beneficia o presidente Jair Bolsonaro, ao mesmo tempo, faz críticas ao governo do ex-presidente Lula. Na postagem, compara-se a quantidade de casos e mortes pelas doenças em ambos períodos, além do “nível de pânico” de cada momento, com números maiores para a de H1N1 e um pânico menor sendo referida como “É só um resfriado”. Assim, os dados sobre a covid-19, com números menores, tem o nível de pânico considerado como sendo “apocalíptico!!”.

O post ainda traz uma possível causa para o acontecido, ao criticar a manipulação da “mídia esquerdista”. Até o momento da checagem, o post possuía mais de 200 compartilhamentos.

Bolsonaro:

COVID 19 - Corona Vírus
Casos No Brasil: 1.128 (21/3)
Mortes: 18
Nível de Pânico: APOCALÍPTICO!!

Lula Ladrão:

H1N1 - Gripe Suína
Casos No Brasil: 58.178
Mortes: 2.101
Nível de Pânico: É só um resfriado

ENTENDERAM COMO UMA
MÍDIA ESQUERDISTA PODE
MANIPULAR A SUA VIDA?

Figura 1 — Decreto do Governo de São Paulo

Segundo Wardle (2017), essa fake news encaixa-se na classificação de conteúdo enganoso, por se tratar da utilização das informações de forma enganosa. Os dados indicados no post, de fato, se aproximam dos números reais para as duas epidemias, contudo, os referentes ao H1N1 ocorreram em mais de um ano e meio e, além disso, por recomendação da OMS, o Brasil só contabilizava casos considerados graves, ou seja, o número de casos seria muito maior e a taxa de mortalidade, menor. Sobre os dados relacionados a covid-19, se referem à pouco menos de um mês de epidemia.

Segundo Post: Caixões vazios de vítimas de Covid19 em BH

Circulou nas redes sociais no mês de abril um post e um vídeo com a afirmação de que foram desenterrados diversos caixões de vítimas da Covid-19, em Belo Horizonte (MG). Ao serem abertos, não havia corpos de pessoas mortas pelo novo coronavírus no seu interior, e sim pedras e papelão.



Figura 2 – Notícia sobre os caixões vazios de BH

Segundo a Agência Lupa, o texto publicado no Facebook, até às 16h do dia 30 de abril de 2020, tinha sido compartilhado por mais de 16 mil pessoas na rede. Essa informação foi identificada como falsa pelas principais agências de checagem brasileiras. Em nota oficial, a própria assessoria de imprensa de Belo Horizonte afirmou se tratar de fake news e que não havia nenhuma notificação sobre caixões nos cemitérios da cidade sendo desenterrados. Além disso, afirmavam que todos os procedimentos para sepultamentos das vítimas de Covid-19 eram adotadas seguindo as recomendações do Ministério da Saúde. Outro ponto que

colocava o post como falso era de que em nenhum meio de comunicação da cidade ou mesmo mineiro tinha conhecimento deste fato.

Este post teve uma grande repercussão e levou a polícia mineira a investigar o caso e identificar a autora da postagem, que foi identificada e responsabilizada por fabricar e disseminar nas redes sociais fake news. O intuito deste tipo de notícia falsa foi de minimizar a pandemia e dizer que governos estaduais e prefeituras estão enganando a população, sobre a real situação de mortalidade pela doença. Segundo as classificações de Wardle (2017), o conteúdo deste post pode ser considerado como manipulado, por se tratar de uma imagem genuína (os caixões sendo enterrados) sendo utilizada em um contexto diferente com o intuito de manipular e enganar os leitores.

Terceiro Post: Denúncia de pagamento por mortos de Covid-19

No dia 25 de maio de 2020, circulou no Facebook um post em que Edison do Carmo compartilhou um vídeo, fazendo denúncias que os hospitais estariam recebendo 18 mil reais por mortos de Covid-19.

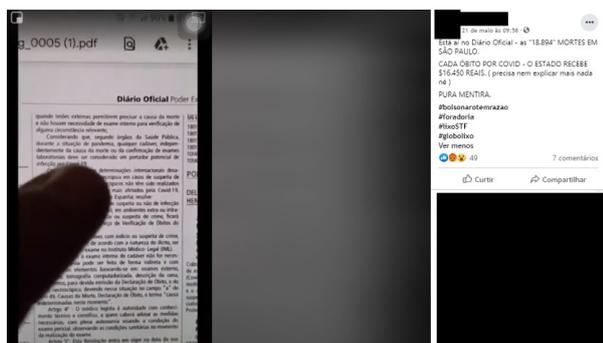


Figura 3 – Denúncia de pagamento pelos mortos de Covid-19

Cabe ressaltar que outro assunto que tem estado no centro do debate das fake news durante a pandemia de Covid-19 foi o uso da cloroquina, defendido por Donald Trump e Jair Bolsonaro. O uso do medicamento para tratar a doença, porém, não é unanimidade entre os médicos e o seu consumo indiscriminado pode causar efeitos colaterais sérios, como problemas cardíacos. Ainda assim, diversas notícias falsas circulam pela internet, supostamente apresentando pessoas que foram totalmente curadas apenas por meio do uso dessa substância, mas sem comprovação científica da sua eficácia. Até o momento da checagem, o post possuía 159 compartilhamentos e pode ser classificado como conteúdo impostor (WARDLE, 2017), por se tratar de uma verba que realmente vem sendo repassada pelo Ministério da Saúde, mas não tem relação com o número de mortes.

Quarto Post: Nobel da medicina diz que o coronavírus foi criado em laboratório

No dia 05 de junho circulou um post em que se dizia que o imunologista Tasuku Honjo, vencedor do prêmio Nobel de Medicina em 2018, diz que a covid-19 não é causada por um vírus natural, porque afeta países com clima diferente do da China. O médico teria falado que trabalha no “laboratório de Wuhan” e que os telefones estão inoperantes há meses e todos os técnicos estariam mortos. Até o momento da Checagem, o post possuía mais de 6,7 mil compartilhamentos.



Figura 4 – Postagem sobre a criação do vírus da Covid-19

Nesse ponto, observa-se novamente os usos políticos da desinformação. Desde o início da pandemia houveram nas redes um discurso sobre o “vírus chinês”, referindo-se ao coronavírus como uma arma biológica criada por cientistas chineses. Segundo Wardle (2017), o conteúdo desse post pode ser classificado como conteúdo impostor, por se tratar de uma fonte genuína (Nobel de Medicina) sendo usado para legitimar uma informação falsa à ele atribuída.

Considerações finais

Apesar das fake news serem um fenômeno considerado antigo, a disseminação das redes sociais digitais e a cultura do compartilhamento abrem espaço para que a desinformação se estabeleça em um novo patamar diante da temática da Covid-19, no ano de 2020. O contexto em que situamos nossa análise ensejou uma série de reações em relação a pandemia que atinge mundialmente a população, tornando-se um ponto crucial a ser combatido por diversos atores da nossa sociedade.

Observamos em nossa investigação, a partir dos posts analisados que as fakes News sobre o novo coronavírus ganharam grandes proporções, afetando ações e imagens de instituições e atores representativos da sociedade. Desse modo, os quatro (4) posts analisados se configuram como conteúdo impostor (2), conteúdo manipulado (1) e conteúdo enganoso (1). Ou seja, observamos que há o uso de fontes genuínas para criar conteúdos impostores; uso de conteúdo enganoso e imagens genuínas para manipular e disseminar as fake news.

É importante ressaltar que a disseminação de notícias falsas relacionadas ao novo coronavírus contribui significativamente para o descrédito da ciência e das instituições globais de saúde pública, além de enfraquecer as medidas adotadas pelos governos no combate à doença. Alguns dos exemplos foram apresentados neste trabalho para ilustrar a problemática, demonstram que estamos longe de acabar

com este fenômeno das fakes news, especificamente no cenário das redes sociais digitais a exemplo do Facebook. Assim sendo, o estudo que aqui fizemos merece maior aprofundamento a investigação sobre o combate às notícias falsas, que não se resolve com fórmulas simples e prontas, mas com um conjunto de mecanismos que vão desde recursos técnicos até o investimento em educação digital. Com isso, restrições legais devem ser elaboradas pelos poderes representativos para combater a desinformação, mas sem perder de vista o desafio de respeitar a liberdade de expressão. Na medida em que a Internet se torna onipresente em nossa sociedade e indispensável no cotidiano, o domínio de seu acesso e controle, coloca em xeque a própria liberdade.

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. (2003). **Uma história social do conhecimento I: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

COLLUCI, C. (2020). **Fake news sobre coronavírus se disseminam mais rapidamente do que a doença**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 jan. 2020. Seção Colunas e Blogs. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/claudiacollucci/2020/01/fake-news-sobre-coronavirus-se-disseminam-mais-rapidamente-do-que-a-doenca.shtml>. Acesso em 25 de julho de 2020.

FILHO FREITAS, Alberto. (2020). **A hegemonia do fake: o regime político das verdades inventada**. p. 33- 50. *In*: Nós: Tecnoconsequências sobre o humano [recurso eletrônico] / Pollyana Ferrari (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi.

GIL, Antônio Carlos. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas.

KAKUTANI, M. (2018). **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca.

MINAYO, M. C.; SANCHES, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública** 9(3):239-262. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000083&pid=S1413-812320000010001600012&lng=en. Acesso em: 12 de setembro de 2020.

RICHARDSON, Roberto Jarry. (2011). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas.

WARDLE, Claire. (2017). **Fake news. It's complicated**. Medium, [s. l.], 16 fev. First Draft, p. [não paginada]. Disponível em: <https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.